

TRABALHO e JUVENTUDE

Material de apoio ao
Fórum Juventude e direito ao trabalho e à educação

10 a 14 de novembro de 2014

Apoio: Banco do Brasil, Fiocruz, Furnas, Eletronuclear, Itaipu Binacional

Novembro 2014

Desigualdades sociais marcam entrada dos jovens no mercado de trabalho

As taxas de participação juventude brasileira no mercado de trabalho são elevadas. Também é elevada a proporção dos que buscam conciliar estudos e trabalho ou que transitam de uma situação a outra, segundo estudo divulgado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em maio de 2014.

De acordo com o estudo, a ampliação da presença dos jovens na escola não eliminou a experiência do trabalho. No entanto, o principal efeito do aumento dos anos de escolarização até agora foi justamente o de reduzir o trabalho na adolescência (15 a 17 anos). Ainda assim, 29,6% estão na População Economicamente Ativa (PEA). Em 1998 essa cifra era de 45%.

Os jovens de baixa renda são os mais afetados pelo desemprego e enfrentam as piores condições de trabalho

No entanto, a diretora do Escritório da OIT no Brasil, Laís Abramo, destacou que a entrada dos jovens no mercado de trabalho é fortemente marcada pelas desigualdades sociais. Isso porque o trabalho é mais intenso entre os jovens das famílias mais pobres. Poucas vezes é exercido nas condições protegidas pela Lei de Aprendizagem e, muitas vezes, equivale às piores formas de trabalho infantil e adolescente (proibidas até os 18 anos). A partir dos 18 anos, a diferença principal não está na disposição para o trabalho, mas sim nas chances de encontrá-lo e nas condições em que ele se exerce.



Os jovens de baixa renda são os mais afetados pelo desemprego e enfrentam as piores condições de trabalho, muitas vezes sem completar o ensino fundamental. Os jovens com renda mais alta, por outro lado, tendem a ser menos afetados pelo desemprego e encontram melhores empregos. “O desemprego e a informalidade não atingem apenas os jovens de baixa renda. É fundamental considerar as desigualdades de gênero e raça/etnia na análise do tema e na definição de políticas e estratégias para enfrentá-las”, disse a diretora da OIT.

Força de trabalho está envelhecendo

A entrada tardia dos jovens no mercado de trabalho e o envelhecimento acelerado da população estão transformando o cenário do emprego no Brasil. Na prática, a força de trabalho brasileira está envelhecendo. Em dois anos – do início de 2012 a dezembro de 2013 – o país perdeu 1,1 milhão de trabalhadores de 14 a 24 anos – metade porque a população dessa faixa etária está encolhendo. A outra metade é de jovens que saíram ou ainda não entraram no mercado de trabalho. Enquanto isso, o número de trabalhadores acima de 25 anos cresceu quase 6%, puxado principalmente pelo contingente de pessoas com 60 anos ou mais, que avançou 9% no período.

Nos últimos dois anos, a taxa de participação dos jovens na força de trabalho caiu quase três pontos percentuais entre os de 14 a 24 anos. Esse grupo concentra também o maior índice de desemprego: 18,5% entre 14 e 17 anos, e 13,1% no grupo dos 18 aos 24 anos.

No curto prazo, a entrada tardia no mercado de trabalho ajuda a elevar a média salarial. Como a remuneração dos jovens é mais baixa do que dos demais profissionais, mais experientes e qualificados, a tendência é que os valores pagos a esses trabalhadores seja maior. Por outro lado, o déficit limita o potencial de crescimento do país. “Isso é ruim porque não voltaremos a ter o crescimento da força de trabalho jovem nos próximos anos, já que as famílias estão tendo menos filhos”, afirma Fernando de Holanda Filho, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A boa notícia, segundo especialistas, é que teremos profissionais mais capacitados no futuro. “O mercado de trabalho está sendo sacrificado agora para que lá na frente tenhamos trabalhadores qualificados. Há algumas décadas, a maioria dos jovens precisava abandonar os estudos para trabalhar. Hoje, as oportunidades estão mais distribuídas”, afirma Holanda Filho.

O aumento da renda contribuiu para o recuo na oferta de mão de obra jovem. Com mais dinheiro, as famílias estão bancando o estudo dos filhos. “Hoje, há um esforço para que os filhos façam uma graduação e se qualifiquem mais. Isso tira o peso do jovem de sair para a luta”, ressalta o professor de economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Adilson Antônio Volpi. Além disso, as cotas sociais e raciais e programas como o Prouni também facilitaram o acesso de uma fatia importante desta faixa etária ao ensino superior.

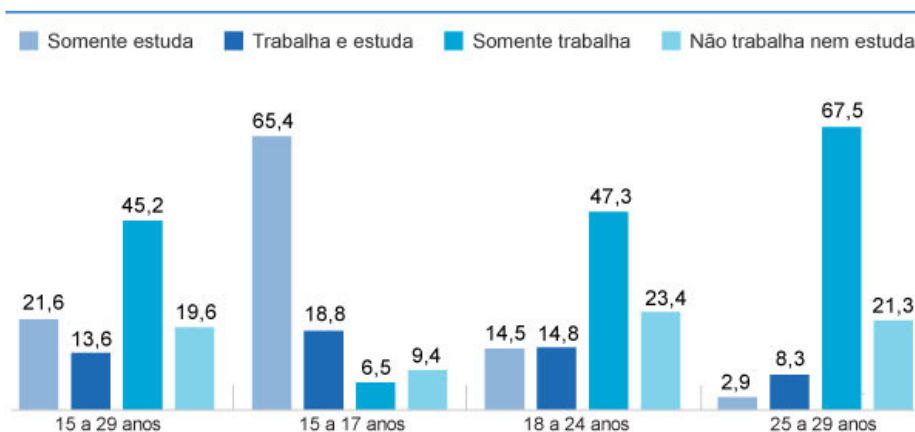
Jovens que não estudam e não trabalham

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseados na Pnad 2012 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e divulgados em novembro de 2013, mostravam que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudava nem trabalhava chegou a 9,6 milhões no país em 2012, isto é, uma em cada cinco pessoas da respectiva faixa etária.

O número representa 19,6% da população de 15 a 29 anos. Na comparação com 2002, quando 20,2% dos jovens nessa faixa etária não estudavam e não trabalhavam, houve leve redução: 0,6 ponto percentual.

Atividade dos jovens de 15 a 29 anos

Em %, por grupos de idade



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012

As estatísticas mostram ainda que a maioria dos jovens que nem estudam, nem trabalham, chamados "geração nem-nem", tinha ensino médio completo (38,6%), sendo a maior parte no subgrupo de 18 a 24 anos (43,2%). Apenas 5,6% desses jovens possuíam ensino superior (completo ou incompleto), e 32,4% representavam aqueles que não concluíram o ensino fundamental.

Segundo o IBGE, enquanto 19% dos jovens de 15 a 29 anos não trabalham nem estudam, 45,2% somente trabalham, 13,6% trabalham e estudam e 21,6% estudam apenas.

Maioria dos que não estuda nem trabalha é mulher

De acordo com a pesquisa "Síntese de Indicadores Sociais", a maioria dos que não estuda nem trabalha é de mulheres: 70,3%. A incidência é maior no

subgrupo formado pelas pessoas de 25 a 29 anos, onde as mulheres representavam 76,9%.

Já entre os jovens de 15 a 17 anos, a distribuição é mais equilibrada: 59,6% das pessoas que responderam que não estudavam nem trabalhavam eram mulheres. No subgrupo de 18 a 24 anos, por sua vez, as mulheres representavam 68%. Entre essas jovens, 58,4% já tinham pelo menos um filho, e 41% declararam que não eram mães.



Considerando apenas as mulheres que já haviam dado à luz pelo menos uma vez, o número de pessoas que não estudava nem trabalhava também era

maior no subgrupo de 25 a 29 anos (74,1%).

"A gente não tinha feito essa conta antes. (...) Começamos a ver pelos grupos de idade, e vimos que há uma relação muito forte entre não estar estudando e trabalhando com a questão da maternidade. Não queremos dizer que isso é a causa", afirmou a coordenadora da pesquisa, Ana Lúcia Saboia. "Não podemos falar da relação de causalidade, e sim de uma relação estreita. Entre as pessoas mais pobres, o acesso à escola é menor. Não estou dizendo que isso é a causa, mas há uma relação bastante direta."

O relatório "Maternidade Precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência", de 2013, mostra que as principais causas para a gravidez precoce são: casamentos muito cedo, pobreza, obstáculos a direitos humanos, violência sexual, restrições a políticas de métodos anticoncepcionais, falta de acesso à educação e serviços de saúde ligados ao tema dos direitos sexuais e reprodutivos.

O professor José Eustáquio Diniz Alves, da ENCE/IBGED, afirma que "a América Latina e o Brasil estão descuidando de uma parcela significativa de seus adolescentes e jovens, sendo que muitas das jovens mulheres são, em geral, vítimas da violência sexual e da gravidez indesejada e muitos dos jovens homens são vítimas, especialmente, de homicídios e da violência

urbana. O futuro nem é bom e nem é promissor para uma região que não consegue oferecer boas perspectivas para as suas jovens gerações”.

Fenômeno mundial

Jovens que não estudam nem trabalham não é fenômeno exclusivo do Brasil: crise econômica e medidas de austeridade lançaram jovens ao desemprego em diversos países. Uma das pistas para enxergar a origem desse suposto fenômeno está na crise financeira que atravessa o globo desde 2008.

A recessão na União Europeia lançou ao desemprego quase um quarto dos menores de 25 anos, proporção bastante superior aos cerca de 11% de desemprego geral no velho continente, indicativo de que, quando a crise aperta, são os jovens que apanham mais.

Um estudo da OIT constatou que o número de jovens que não estudam nem trabalham cresceu, de 2007 a 2013, em 30 dos 40 países pesquisados. A Turquia, apesar de ter visto diminuir essa parcela da população, ainda está em primeiro lugar, com 39% de pessoas entre 15 e 29 anos totalmente paradas. Em seguida, vêm Macedônia, Israel e México.

Nos países europeus afetados pela crise econômica esse número cresceu assustadoramente. É o caso de Bulgária, Espanha, Itália, Grécia, Romênia, Irlanda e Chipre. No total, em 2013, 74,5 milhões de jovens nessa faixa etária estavam sem emprego, 700 mil a mais que em 2012.

O fenômeno se repete na América Latina. O relatório “Trabalho Decente e Juventude na América Latina: Políticas para Ação”, divulgado pela OIT em fevereiro de 2014, mostra que 21,8 milhões dos latino-americanos entre 15 e 24 anos não estudam, nem trabalham, o que representa 20,3% dos jovens. Destes 21,8 milhões, 30% são homens e 70%, mulheres.

Aproximadamente 25% desses jovens (5,25 milhões) buscam trabalho; mas não conseguem, 16,5 milhões não trabalham, nem buscam emprego e cerca de 12 milhões dedicam-se a afazeres domésticos. Mulheres jovens constituem 92% desse grupo. Cerca de 4,6 milhões de jovens são considerados pela OIT o núcleo duro dos excluídos, pois estão sob risco permanente de exclusão social, já que não estudam, não trabalham, não procuram emprego e tampouco se dedicam aos afazeres domésticos.

Os países com maior percentual de jovens “nem-nem” são Honduras, com 27,5%, Guatemala, com 25,1%, e El Salvador, com 24,2%. Os países com menor percentual são Paraguai, com 16,9%, e Bolívia, com 12,7%.



O consultor Sérgio Sampaio lembra que a maior dificuldade encontrada ao se comparar a situação de emprego no Brasil com o de economias como as da União Europeia, por exemplo, reside na qualidade das vagas que são ofertadas e também no estágio cultural e social em que se encontra cada país.

“Nas economias mais avançadas, não existem todos os empregos de baixa qualificação que estão largamente disponibilizados aqui no Brasil, visto que estes empregos foram massacrados pela automação em estágio mais avançado.

Não por acaso, não existem, praticamente, ‘frentistas’ trabalhando em postos de gasolina, assim como diversas ocupações relacionadas ao trabalho de trocador de ônibus, bilheteiros diversos, empacotadores, dentre outras que requerem menos qualificação. Estes empregos simplesmente não existem mais nestes países, o que torna a comparação assimétrica.

O perigo para países como o Brasil, portanto, é que de uma forma ou de outra terminaremos por seguir a tendência mundial, caracterizada pela automação crescente de atividades e perda de postos de trabalho que requerem qualificação reduzida, o que deve tornar o problema do desemprego e dos “nem-nem” ainda mais agudo, ainda que mais à frente”, explica.

De acordo com o consultor, “tem sido identificado que uma das causas desse fenômeno pode ser atribuída à defasagem do aprendizado. Uma parte significativa e cada vez maior dos jovens tem percebido que o que aprenderam na escola, até o final do curso universitário, é insuficiente para dar o próximo passo educacional, o que os desqualifica para um mercado de trabalho sequeioso de profissionais cada vez mais bem formados e informados e interrompe seu processo de aprendizado. Muitos destes jovens, ainda que carreguem uma bagagem de estudos razoável, porém insuficiente, não se

sente motivada a procurar empregos de qualificação inferior. Se houver alguma retaguarda familiar ou benefícios sociais à disposição, preferirão ser 'nem-nem's'. Isto tem ocorrido com frequência nos países desenvolvidos e podemos observar que este fenômeno é igualmente observado por aqui”.

Não estuda nem trabalha, mas produz

Essa geração de jovens que nem trabalha nem estuda, tem sido chamada de geração “nem-nem”. Na verdade, este termo foi abrigado a partir do termo global “not in employment, education, or training” (NEET's), ou seja, jovens que não estão empregados, nem na escola, universidade ou treinamento.

No entanto, muitos especialistas consideram a expressão pejorativa e injusta, considerando que a representante típica dessa geração é mulher, mãe, pobre e habitante da região Norte ou Nordeste do país.



As estatísticas apontam para as dificuldades que mulheres de áreas mais pobres encontram ao tentar fazer a maternidade correr paralela ao emprego e ao estudo, conclusão reforçada pela representatividade menor da “geração nem-nem” em regiões com menos desigualdade econômica. O Sul apresenta a menor densidade (15%) de jovens que não trabalham nem estudam, e a fatia de juventude “nem-nem” em Santa Catarina é de apenas 12,7%.

70% dos jovens que não estudam e nem trabalham são mulheres. Boa parte delas é mãe, pobre e habitante da região Norte ou Nordeste do país.

Marcus Faustini, diretor da Agência de Redes para Juventude - projeto que atua em favelas e outros territórios populares com o objetivo de potencializar os jovens dessas localidades - é um dos críticos dessa nomenclatura: "O nome 'nem-nem' é depreciativo. O jovem não tem culpa, é preciso identificar o que

ele gosta de fazer. A própria diversão dessa geração pode ser estimulada para projetos empreendedores. Jovem de favela não é carente, é potente", diz.



Michel Silva, 19 anos, morador da Rocinha e criador do portal Viva Rocinha e do jornal Fala Roça, também rejeita o termo: "Essa juventude, que a grande mídia fala que não está fazendo nada, criou o serviço de mototaxi para resolver a falta de transporte nas comunidades".

A professora Maria Carla Corrochano, da Universidade

Federal de São Carlos, afirma que os jovens, de maneira geral, falam muito sobre a necessidade de estudar, se qualificar, ainda numa lógica muito cruel, se responsabilizando pelas suas dificuldades em relação ao mercado de trabalho. Existe uma dificuldade de pensar que caminho seguir, como se lhes faltasse um mapa de orientação.

Segundo ela, quando se olha o número de ocupações para jovens, as informais principalmente, as oportunidades são mais precarizadas em comparação aos adultos. Por isso, uma das grandes demandas da juventude é pelo trabalho decente.

Trabalho Decente



**EMPREGO E
TRABALHO
DECENTE**

Trabalho decente é um conceito que vem sendo construído pela OIT e implica um trabalho que ofereça condições dignas para o trabalhador. E não se refere apenas ao trabalho com registro em carteira.

Trata-se do trabalho para viver uma vida digna, com liberdade, ter condições de participar na sociedade de maneira geral, participar de sindicatos, enfim, ter voz.

A professora Maria Carla Corrochano lembra que “pensar em trabalho de jovens é pensar também em melhorar a educação, possibilitando conciliar o trabalho com os estudos e a vida familiar. Outra prioridade é a inserção ativa e digna no mundo do trabalho, com igualdade de tratamento e diálogo social”.

Ela lembra que é fundamental a conciliação de trabalho com estudos, bem como ampliar as vagas nas universidades públicas, e pensar uma escola de Ensino Médio que ajude o jovem a refletir suas escolhas e trajetórias profissionais.

Trabalho decente significa viver uma vida digna, com liberdade, ter condições de participar na sociedade de maneira geral, participar de sindicatos.

No Brasil, a promoção do Trabalho Decente passou a ser um compromisso assumido entre o governo brasileiro e a OIT, a partir de junho de 2003, com a assinatura, pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, do Memorando de Entendimento que prevê o estabelecimento de um Programa Especial de Cooperação Técnica para a Promoção de uma Agenda Nacional de Trabalho Decente, em consulta às organizações de empregadores e de trabalhadores. Em maio de 2006 foi elaborada a Agenda Nacional de Trabalho Decente.

Apoio governamental para atividades econômicas em territórios populares

Num contexto de desemprego e trabalho precário, é importante também fortalecer a economia popular existente nas favelas e periferias, com políticas públicas de apoio especialmente aos jovens. Isso é o que demonstrou o Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré, realizado pelo Observatório de Favelas e Redes da Maré, com apoio das 16 Associações de Moradores da região.

A Maré é um dos maiores conjuntos de favelas da cidade do Rio de Janeiro. São cerca de 140 mil pessoas vivendo em 16 comunidades populares. Sua localização, às margens da Avenida Brasil, é indicativa de sua história, pois foi justamente com a criação dessa via expressa que as primeiras famílias construíram suas moradas. Hoje, são mais de 40 mil domicílios distribuídos em comunidades com fisionomias distintas, entre elas, conjuntos habitacionais.

A consolidação das comunidades foi acompanhada de investimentos familiares para além da habitação. O pequeno, porém variado, comércio começou a surgir e ganhar forma combinando, geralmente, a moradia e o trabalho em um mesmo imóvel. Armarinhos, bares, depósitos de bebidas,

oficinas mecânicas, salões de beleza entravam em funcionamento e moradores desenvolviam seu ofício como sapateiros, costureiras, alfaiates, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, feirantes, cuidadoras de crianças, manicures etc., em um intenso processo de construção da Maré como território de reinvenção do trabalho e de geração de renda.

As comunidades surgem, também, como espaço de produção de bens e serviços, embora muito longe de alcançar autonomia ou autarquia em relação à cidade como um todo. Muitos de seus moradores ainda usam os bairros vizinhos – Bonsucesso e Ramos, por exemplo – como referência de endereço quando buscam emprego, até mesmo os que exigem menor escolaridade ou especialização profissional.

Em toda a Maré, foram encontrados 3.182 empreendimentos. Com uma cobertura de 92,8% do universo, o Censo de empreendimentos econômicos da Maré pesquisou 2.953 unidades comerciais ou atividades empreendedoras individuais. Dos empreendimentos analisados, 66% são voltados para o comércio, 33,3% para serviços e 0,7% para indústria. No comércio, 660 estabelecimentos (22,4%) são bares, 307 (10,4%) são salões de beleza, 216 (7,3%) vendem roupas e 138 (4,7%) são mercados.

No tocante aos jovens com menos de 25 anos, o desejável é que eles, assim como os adolescentes, também possam privilegiar os estudos e, portanto, que não sejam absorvidos por atividades laborais, exceto aquelas relativas à formação profissional. No entanto, é notório que muitos destes jovens estão em exercício do trabalho, tantas vezes, precário e temporário, apesar de sua maior escolaridade e do seu potencial de realização, principalmente, no campo da tecnologia, da arte e da cultura.

É necessária a formulação de políticas associadas a formas criativas de geração de renda, bem como de programas de incentivo aos empreendedores mais jovens

Por outro lado, embora muitos trabalhem, observa-se que a participação desses jovens entre os empreendedores da Maré é pequena, inferior a 5%, o que é compreensível em um contexto de limitadas oportunidades para esse perfil etário. Nessa perspectiva, se faz oportuna a formulação de políticas associadas a formas criativas de geração de renda, bem como de programas de incentivo aos empreendedores mais jovens.



Os resultados da pesquisa evidenciaram também que o pouco aparato financeiro e tecnológico limita a economia da Maré. Entre as sugestões ou reivindicações relacionadas às condições necessárias para o desenvolvimento da economia local estão: instalação de agências bancárias ou postos de atendimento eletrônico, fim da violência e do tráfico de drogas na comunidade e a melhoria da segurança pública.

Várias vezes, os empreendedores relacionaram questões que afetam a qualidade de vida dos moradores – saúde, educação etc. – como condições para o desenvolvimento da economia local, demonstrando uma leitura integrada de trabalho e moradia. Sem dúvida, isso está correlacionado ao fato de a maioria ser morador da Maré e ver o empreendimento, em grande medida, como uma oportunidade de trabalho no local em que vivem, e não exatamente como uma empresa cuja eventual expansão poderia lhes oferecer um padrão de vida mais alto em outro bairro da cidade.

Rede Nacional de
Mobilização Social

Para saber mais:

Entrevistas:

Formação de qualidade para o trabalho é desafio para jovens de periferias

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/formacao-de-qualidade-para-o-trabalho-e-desafio-para-jovens-de-periferias/?eixo=erradicacao>

Pescadores artesanais lutam pela regularização de seus territórios

<http://www.mobilizadores.org.br/?p=29691>

Jovens montam primeira fábrica de vassouras de garrafa PET do Rio de Janeiro

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/jovens-montam-primeira-fabrica-de-vassouras-de-garrafa-pet-do-rio-de-janeiro/?eixo=erradicacao>

Empreendedora social cria bufê com sobra de alimentos

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/empreendedora-social-cria-bufe-com-sobra-de-alimentos/?eixo=erradicacao>

Educação profissionalizante usa arte para inclusão de jovens da Amazônia

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/educacao-profissionalizante-usa-arte-para-inclusao-de-jovens-da-amazonia/?eixo=erradicacao>

Cooperativa transforma banners em alternativa de renda para comunidade local

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/cooperativa-transforma-banners-em-alternativa-de-renda-para-comunidade-local/?eixo=erradicacao>

Confiança e investimento no potencial de empreendedores comunitários

<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/confianca-e-investimento-no-potencial-de-empreendedores-comunitarios/?eixo=erradicacao>

Textos:

Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude

<http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/employment/doc/ANTD.pdf>

Censo de Empreendimentos Maré

http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Censo_Empreendimentos_24_julho.pdf

FREIRE COSTA, Jurandir (2004). **Perspectivas da Juventude na Sociedade de Mercado**. In: Novaes, Regina & Vannuchi, Paulo (Org.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas

<http://www.mobilizadores.org.br/textos/jovens-e-trabalho-brasil-desigualdades-e-desafios-para-politicas-publicas/?eixo=cidadania>

Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior

<http://www.mobilizadores.org.br/textos/jovens-trabalhadores-expectativas-de-acesso-ao-ensino-superior/?eixo=cidadania>

Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000300011

Vídeos:

Encontro dos diferentes na cidade

<http://www.mobilizadores.org.br/videos/o-encontro-dos-diferentes-na-cidade/?eixo=cidadania>

Panorama Ipea - Juventude e mercado de trabalho

<https://www.youtube.com/watch?v=4WzjaPJ5adg>

Fórum debate as dificuldades enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho

<https://www.youtube.com/watch?v=0fk6Jsin62s>

Quem são os jovens Nem-Nem ? - Repórter Ciência

<https://www.youtube.com/watch?v=ww0A1BCDXRY>

Academia - A Narrativa Jornalística e o Ocultamento do Trabalho como Direito Fundamental

https://www.youtube.com/watch?v=1IydcKhY5_4

Sites:

Agenda Nacional de Trabalho Decente (ANTD)

<http://portal.mte.gov.br/antd/>

Aprendiz: guia de empregos

<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/index.htm>

Busca Jovem

<http://www.buscajovem.org.br/>

Conselho Nacional de Juventude

<http://www.juventude.gov.br/conjuve/>

Estéticas das Periferias

<http://www.esteticasdasperiferias.org.br/>

InfoJovem

<http://www.infojovem.org.br/>

Tô no Rumo - Jovens e Escolha Profissional

<http://www.tonorumo.org.br/>

Rede Nacional de
Mobilização Social

Fontes:

Agenda Nacional de Trabalho Decente (ANTD)

<http://portal.mte.gov.br/antdd/>

Censo de Empreendimentos Maré

http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Censo_Empreendimentos_24_julho.pdf

Chamar jovem de "nem-nem" é negar sua potência

<https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/153694/Chamar-jovem-de-nem-nem-%C3%A9-negar-sua-pot%C3%Aancia.htm>

Coluna ValoRH: Especialista fala sobre os jovens e a geração Nem-Nem

<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/coluna-valorh-especialista-fala-sobre-os-jovens-e-a-geracao-nem-nem/?cHash=15d5afad7768d9161f09772b4ce06aaa>

Diferentes entre si, jovens que não trabalham nem estudam desafiam rótulo de "geração nem-nem"

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/empregos-e-carreiras/noticia/2014/08/diferentes-entre-si-jovens-que-nao-trabalham-nem-estudam-desafiam-rotulo-de-geracao-nem-nem-4570197.html>

IBGE: um quinto dos jovens no Brasil é "nem-nem", que não estuda nem trabalha

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/29/um-em-cada-cinco-jovens-de-15-a-29-anos-nao-estuda-nem-trabalha-diz-ibge.htm>

Geração nem-nem e violência contra jovens na América Latina

<http://xucurus.blogspot.com.br/2014/03/geracao-nem-nem-e-violencia-contr.html>

Jovem deixa o trabalho para depois

<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1463002&tit=Jovem-deixa-o-trabalho-para-depois#ancora>

OIT: Entrada dos jovens no mercado de trabalho é fortemente marcada por desigualdades sociais

<http://www.onu.org.br/oit-entrada-dos-jovens-no-mercado-de-trabalho-e-fortemente-marcada-por-desigualdades-sociais/>

Os 20 países com mais jovens nem-nem no mundo

<http://exame.abril.com.br/mundo/album-de-fotos/os-20-paises-com-mais-jovens-nem-nem-no-mundo>

Para orientar-se no mundo do trabalho - entrevista com Maria Carla Corrochano

<http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-416-entrevista-para-orientar-se-no-mundo-do-trabalho>

COEP

Rede Nacional de
Mobilização Social

Este texto foi produzido dentro do espírito colaborativo, a partir de outros tantos textos, cartilhas e publicações disponíveis na internet, num grande remix que deu origem a um novo material disponível a todos.

PESQUISA DE CONTEÚDO:

Eliane Araujo

TEXTOS E ADAPTAÇÃO:

Eliane Araujo

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Novembro, 2014